DESPLANTE

ARTIGO DE JORGE MENDES LEAL

AUGUSTO FRAGA não é desconhecido. Trazem a sua assinatura as revolucionárias fitas «Sangue Toureiro», «Tarzan do 5.º Esquerdo», «Passarinho da Ribeira» e «Raça» — não sobrando dúvidas, portanto, de que nos achamos perante um dos mais qualificados e representativos leaders da cinepepineira nacional.

Recomendado por tamanhos antecedentes, que de longe lhe garantem um poiso de eleição entre os Antonionis e Viscontis do Lumiar, o sr. Fraga concedeu ao nosso prezado colega «Notícias da Figueira» uma entrevista — o que nada tem de extraordinário. Mas já o mesmo não se poderá dizer das afirmações do entrevistado, que constituem um pequeno prodígio de desfaçatez e merecem ser adequadamente divulgadas. O divino Fraga, julgando-nos a todos burros, declarou nomeadamente que:

— gosta muito de dormir sem preocupações;

— o Cinema, para ele, vale essencialmente como meio comercial e só depois como arte;

— o público português é de muito baixo nível;

— «Dom Roberto», a recente realização de Ernesto de Sousa, deve-se a uma equipa de indivíduos mais ou menos barbudos, mais ou menos lavados, mais ou menos existencialistas, que impressionaram 15000 metros de película para aproveitar 2 ou 3000 — o que ele, Augusto Fraga, nunca fez ou fará, porque isso é atirar dinheiro à valeta.

Consideramos averiguado, pois, que o senhor Fraga decidiu explorar até à exaustão o baixo nível dos seus compatriotas. Não cuida o genial fulano de contribuir, como nos parece liminarmente aconselhável e honesto, para uma elevação desse nível; antes procura mantê-lo alegremente, com uma divertida pachorra, propinando às incultas e mansas plateias as tradicionais historietas de três ao pataco e fado no meio. Intelectual robusto e de olho rápido, o espertíssimo Fraga poderia indubitàvelmente sair-se com grandes fitas, quem sabe mesmo se desbancar num ápice os diversos Kazans e Rossellinis. Mas o Fraga não quer — o Fraga defende-se, o Fraga faz contas, o Fraga sabe, o Fraga trata é de saturar o celulóide de apetitosas borracheiras, adrede congeminadas para uso e abuso dos nossos irmãos analfabetos...

Não que Ernesto de Sousa e quejandos barbudos, nèsciamente ocupados em desperdiçar película por amor da Arte, sejam capazes de competir com o Fraga quanto a potencialidade criadora. Ai deles! O Fraga traz sempre na privilegiada cabecinha um ror de obras-primas; e só não as reduz a filme porque — c'os diabos! — se lhe torna muito mais rendoso e cómodo sugar a proverbial incultura das gentes lusitanas. Tudo corre admiràvelmente, caros leitores. De manga arregaçada, o Fraga cozinha fitas por receita, como quem fabrica maioneses e doçaria segundo o infalível manual culinário da ex.ma sr.a D. Berta Rosa Limpo. Um quarto de quilo de fadunchо

Continua na página 7

Aveiro, 29 de Setembro de 1962 * Ano VIII * N.º 414

SEMANÁRIO

DIRECTOR E EDITOR — DAVID CRISTO ★ ADMINISTRADOR — ALFREDO DA COSTA SANTOS
PROPRIETÁRIOS — DAVID CRISTO E FRANCISCO SANTOS ★ REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO: EM «A LUSITÂNIA» R. DE HOMEM CRISTO — TEL. 23886 — AVEIRO

A BATALHA DO BUÇACO

afirmação do valor do SOLDADO PORTUGUÊS

ARTIGO DE MANUEL LAVRADOR

Cento e cinquenta e dois anos são volvidos sobre a gloriosa Batalha do Buçaco — completaram-se em 27 deste mês — e, no momento grave que a Pátria querida vive, julgamos oportunas e talvez meritórias estas nossas poucas e simples palavras de apreço da bravura e do extraordinário espírito de sacrifício do soldado português, que, nessa peleja, tão heròicamente combateu.

Abandonado pelo fugitivo rei e mal aconselhado pelo alto clero, que lhe pregou como dever a sujeição da obediência a Junot e que agradeceu a Deus o ter colocado Portugal sob o jugo do grande Napoleão, o soldado português deixando de estar sujeito a fracos comandos e depois de encontrar apoio e comando de novos e competentes chefes ingleses, foi destemido para a guerra contra os invasores, resolvido a morrer ou a triunfar para redimir a Pátria, espezinhada e escarnecida. Indiferente às palavras e atitudes do Bispo de Coimbra, apoiadas por fidalgos e burgueses argentários, o soldado português bateu-se encarniçadamente e cobriu-se de glória na Batalha do Buçaco. Pode e merece ser apontado, como exemplo de patriótico sacrifício e de heroicidade, ao seu irmão, o soldado de hoje, como ele ao serviço da defesa da Pátria.

Permitimo-nos apresentar aqui, embora de relance, uma pequenina resenha dos factos, narrados pela História, em páginas impressionantes da acção do nosso soldado, na guerra das invasões francesas.

Com um exército esfarrapado e esfomeado, Junot astuciosamente conseguiu instalar-se em Lisboa, como se fosse um príncipe de real

Continua na página 2

NAPOLEÃO e a BATALHA do BUÇACO

Excerto de um Sermão do CÓNEGO ALVES MENDES

O nome do ilustre aveirense General Joaquim da Costa Cascais «está unido para sempre às glórias do Buçaco».

Foi ele o grande impulsionador da construção do monumento que comemora o renhido combate ali travado em 27 de Setembro de 1810; a ele se deve a restauração da Capela das Almas do Encarnadouro, «na qual, após a batalha, muitos feridos franceses foram carinhosamente tratados pelos frades»; e foi ele quem tomou sobre si «o encargo oficial de todos os anos celebrar o heróico feito das tropas luso-britânicas conta as forças napoleónicas, no domingo mais próximo da data da batalha, com festa religiosa, acompanhada de números patrióticos e populares, dedicada a Nossa Senhora da Vitória, que se venera na capela existente perto do monumento».

O Prof. Dr. José Pereira Tavares, num curioso estudo publicado no n.º 107 do «Arquivo do Distrito de Aveiro» sobre *O General Joaquim da Costa Cascais e o Monumento Comemorativo da Batalha do Buçaco*, esclarece como, a instâncias do «egrégio e prestantíssimo General Cascais», o grande orador sagrado Cónego Alves Mendes acedeu a pregar, nada menos do que em cinco anos, durante as festas.

Fê-lo, pela primeira vez, em 27 de Setembro de 1885. Publica-se a seguir um excerto do magistral sermão, pouco conhecido, que naquele ano proferiu:

«Quantas vezes, lá além, no extremo meridional do Buçaco, na minha amada Pena-

Continua na página 2

BOIALVO — o histórico caminho de Mortágua ao Sardão, por onde desceram as tropas francesas depois da sua derrota no Buçaco

gente de AVEIRO nos palcos de LISBOA

CRÓNICA POR MÁRIO DA ROCHA

QUANDO, há dias, voltámos ao «Monumental» e depois nos dispusemos a ir também, de noite, à «Estufa Fria», a pergunta, conquanto já trivial, impôs-se-nos como esfíngico problema: — «Crise de Teatro?!... Mas, por tanto se falar nela, não chego, por vezes, a saber ao certo de que se fala!...»

Em nosso modo de ver, reforçado pelos dois factos seguintes (perdão: três!...) que, adiante, mencionaremos, pensámos então que não é o Teatro que está em crise na sua actividade, quer esta diga respeito aos autores que criam os textos, quer se refira aos empresários que congeminam as representações. Para nós, o que se encontra em crise não é o Teatro, mas o público. Mas porquê este e não aquele?

Ainda aqui prevalece uma

Continua na página 7

A Batalha do Buçaco

Continuação da primeira página

sangue português. Encontrou o alto clero, a nobreza e a burguesia ambiciosa, todos *de mãos dadas*, prostrados, a seus pés; — a todos encarou arrogante, vendo-os humildes, submissos, com o intuito de alcançarem dele honrarias e proventos.

Mas, em frenesi de patriotismo, o Povo, o destemido Povo Português, não se curvou perante o petulante invasor, quando o viu servir-se da orgia e do roubo para satisfazer exigências da vaidade, ambições de grandezas e de glória, em proveito do grande senhor da França... Este Povo, subjugado e humilhado, em 1808, sem temer a morte, revoltou-se corajosamente contra o exército de ocupação, comandado por aquele detestado usurpador. Foi então que o soldado português começou a reagir, com mais dureza. E, depois, com a ajuda dos seus aliados, soldados ingleses, derrotou as tropas de Junot, na Batalha do Vimieiro. Resultou dela a Convenção de Sintra, imposta pelo Chefe do Exército Anglo-Luso, o General Dalrymple, que havia sucedido a Wellesley no comando e que ordenou a imediata retirada dos soldados franceses, que escaparam em combate.

Em 1809, o grande Napoleão mandou novo exército fazer a 2.ª invasão do nosso País. Comandava-o Soult, General bem conceituado nos meios militares franceses. Pouco tempo por cá se demorou... Não lhe foi propício o momento... Perante a força do general Beresford, viu-se obrigado a retirar, depois dum rijo combate na cidade do Porto.

Não se conformou Bonaparte com essa retirada. Julgando-se um grande cabo de guerra, entendeu não lhe interessar desistir da sua ambiciosa proeza. E mandou, para a 3.ª invasão, um numeroso exército, sob o comando supremo do General Massena, que, por ter acompanhado Junot, na 1.ª invasão, conhecia bem o nosso País, considerando-se, por isso, com mais possibilidades de êxito. Talvez convencido de não lhe escapar a conquista de Portugal, atravessou este general, com as suas tropas, a fronteira portuguesa e andou batalhando até que, em 27 de Setembro de 1810, teve o seu trágico encontro, no Buçaco, com o Exército Anglo-Luso, novamente comandado pelo General Wellesley, pouco depois Duque de Wellington. Foi esse encontro uma batalha renhida, deveras sangrenta e que terminou com a derrota das tropas francesas.

Era a este ponto que desejávamos chegar, por ser o essencial deste arrazoado.

Na Batalha do Buçaco, para sempre memorável, bateram-se heròicamente os soldados portugueses, distinguindo-se, na dureza da luta, os bravos do 19 de Infantaria, de Cascais. Deram eles a mais terrível carga de baioneta a que assistiu o futuro Duque de Wellington em toda a sua vida de valoroso militar. Ele próprio desassombrada e lealmente assim o afirmou. Foi essa tremenda carga de baioneta o maior contributo para a vitória, que não se ficou devendo aos ingleses. Deve-se ao heroísmo dos soldados portugueses, deficientemente armados e mal instruídos, por anterior falta de bons comandos. Este facto mais notável faz tão glorioso feito. Podemo-nos orgulhar dele.

Na sua correspondência oficial, o próprio Duque de Wellington reconheceu que as tropas portuguesas, pela sua bravura, pela sua disciplina, pelo seu grande sacrifício, alcançaram heròicamente a vitória da Batalha do Buçaco e que bem mereciam os seus louvores. Nessa correspondência, queixa-se dos oficiais e soldados ingleses, acusando-os de se entregarem à embriaguês, ao deboche desmoralizador e à pilhagem, sem terem brio militar nem bom espírito de combate. Com esta acusação, mandou-os regressar à Inglaterra.

E' um testemunho histórico insuspeito, este... Apontamo-lo como um exemplo, para juntar a outros, do valor do soldado português, nos momentos em que a Pátria exige dele o sacrifício de por Elaa rriscar ou dar a vida.

*

Ficaram muito caros a Portugal os altos serviços que os ingleses lhe prestaram no tempo das invasões. Não há que negá-lo. E o General Beresford foi deles o que melhor se pagou... E' certo terem sido os seus serviços dos mais assinalados, nos combates do Porto e Buçaco. Mas — certo é também — teve grandes e abusivas recompensas. Chefe Supremo do Exército Português, depois de ter ido ao Brasil propositadamente para trazer plenos poderes concedidos criminosamente por D. João VI, tornou-se senhor absoluto do Exército, dos negócios e da vida pública da Nação. Quando o General Gomes Freire de Andrade procurou tentar repelir o seu domínio, levou o ao suplício da forca de São Julião da Barra, e eos outros seus camaradas da conjura, patriotas como ele, mandou-os enforcar, no Campo de Sant'Ana, depois dum simulacro de julgamento, feito por maus portugueses, traidores à Prátria. Toda a acção de Beresford foi duma tremenda crueldade e entregou os principais postos do nosso Exército a oficiais ingleses, o deferir os nossos, que viam o País livre do domínio francês, mas sujeito ao jugo inglês.

Ainda não satisfeito com os poderes que D. João VI lhe havia concedido no Brasil e vendo a aversão da maioria dos portugueses pela sua pessoa, Beresford voltou ao Rio de Janeiro para o rei lhe conferir poderes de ditador. Quando com eles regressava, a Revolução de 1820 não o deixou, sequer, desembarcar e demitiu dos seus cargos todos os oficiais britânicos. Com a *Abrilada*, em 1826, Beresford tentou vir novamente a Portugal, mas foi enérgicamente repelido. E assim acabou o domínio inglês, na nossa Pátria. No entanto, e embora mais tradicionalista que o nosso, mas também amigo e defensor de suas liberdades cívicas, o povo inglês ainda hoje continua a merecer a admiração e a estima dos portugueses, apesar de, nem sempre, os seus governantes serem fiéis a Portugal.

Com este desabafo, terminamos as nossas despretensiosas considerações, que outro intuito não têm do que o de serem a afirmação de valor categórico do soldado português, na Batalha do Buçaco, a quem se deve a vitória.

Manuel Lavrador

Napoleão e a Batalha do Buçaco

Continuação da primeira página

cova, quantas vezes, nas largas noites do Inverno, sentado à lareira, recolhi atentíssimo dos lábios da minha avó, Leonor Mendes, a narração comovente de algumas peripécias da grande batalha e me pareceu ouvir nas rajadas do vento a voz do meu avô, Luís Mendes da Silva, miliciano na invasão francesa, incitando os seus patrícios a imitar-lhe o exemplo, se alguma vez perigasse ainda a independência da Pátria!

Porque o certo é que em meio daquele temporal desfeito, daquele dilúvio de sangue e lágrimas, acossada pelos tubarões de Napoleão Bonaparte, repousou sobre esta serra, como a arca de Noé sobre o Ararat, o nau da nacionalidade portuguesa.

E quem era Bonaparte? Era o capitão dos capitães, o numen das batalhas, a incarnação da audácia e da conquista. Nem César nem Alexandre se avantajaram a Napoleão como guerreiro. O que este não teve foi uma consciência tão clara da sua ideia como Alexandre, nem um sentido político tão humano como César; mas teve maiores arrojos, maiores arrancos e fortunas muitíssimo maiores. Foi o árbitro da Europa — o raio, o terror e o tagante do Mundo.

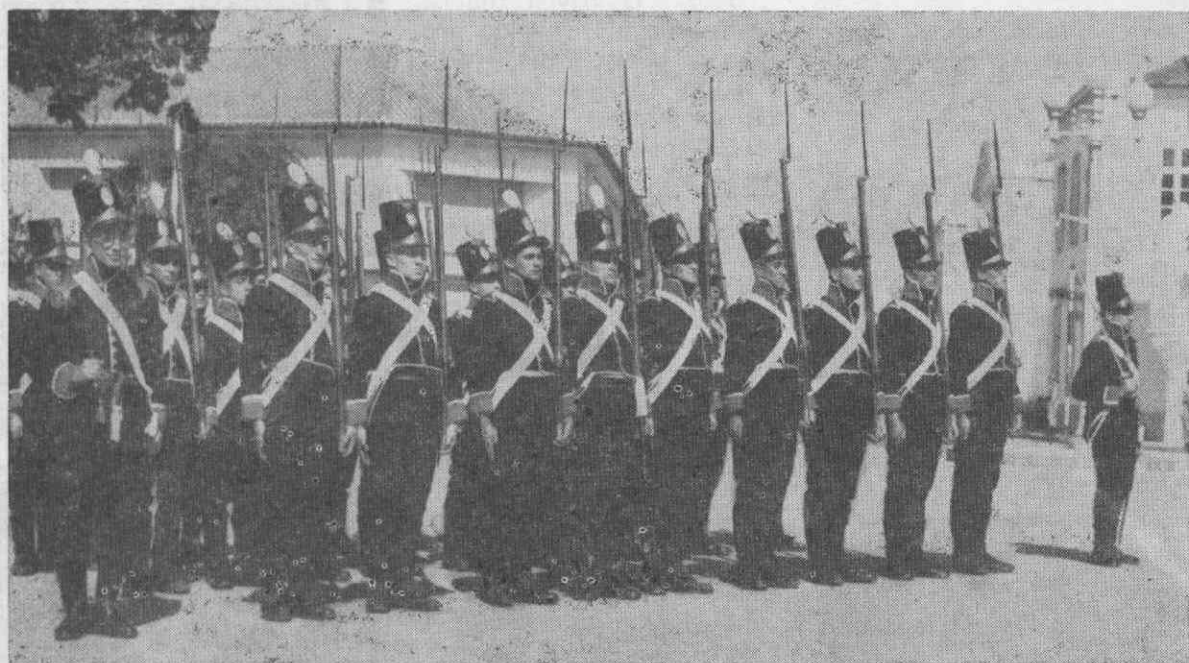
Nascido no bojo de uma enorme tempestade; educado ao calor dos fortes combates republicanos; entrado no proscénio público quando as goelas dos canhões substituíam as vozes dos tribunos, e quando, em guarda contra o regimen feudal e contra os reis absolutos, a França se armou até aos dentes; inventor de uma estratégia habilíssima, cujo segredo consistia em reconcentrar ràpidamente num ponto forças superiores às do seu contrário, embora estas fossem maiores; filho do povo e conhecedor das qualidades que mais fascinam os povos; o primeiro dos soldados e como tal adorado dos exércitos; com um pensamento que era a luz da aritmética e com um olho que era a vista da táctica; conjunto singular, estupendíssimo do espírito, da sua época e da índole da sua raça; Mário ante a Convenção, Carlos Magno no trono, Aníbal nos Alpes, César na Itália, germânico na Alemanha, Alexandre no Egito, dois mundos se ajoelharam às suas plantas, duas ideias pelejaram sobre a sua fronte: — o sufrágio o aclamou e o Pontífice o ungiu, a tradição lhe deu o prestígio e o progresso o desassombro, a classe média os cálculos e a classe popular as paixões, a monarquia a autoridade e a democracia a igualdade.

E, assim, nos alvores da nova era, na penumbra de dois séculos, levanta-se este homem, este monstro, como sendo realmente dois homens: firma a concordata e prende o Padre Santo, forja cadeias e difunde liberdades, corta constituições e promulga códigos, expulsa dinastias e inventa soberanos, afoga a revolução e propaga a ideia revolucionária; e, usando de uma palavra concisa como a voz do mando, de um mando penetrante como o fio da espada e de uma espada rutilíssima como a faísca do raio, congloba e explora tudo isto em seu prò; faz-se a imagem proterva da egolatria, o símbolo derrancado da soberba, a personificação repelente da rapina; e, semelhante à ave apocalíptica, desembesta audazmente dos penhascos da Córsega às pirâmides dos faraós, das pirâmides dos faraós às cúpulas do Kremlim, das cúpulas do Kremlim às torres de Notre Dâme, e, por entre ondas de sangue e cordilheiras de ossos, ao clarão do incêndio e ao cheiro da matança, empolga com as suas garras assassinas e amortalha com as suas asas sinistras as mais pujantes e formosas nações da terra!

Porque, enfim, o caso é este: nenhum, absolutamente nenhum estado europeu logrou abater ou sequer intimidar Napoleão. O imperador da Áustria é vencido em Austerlitz, o monarca da Prússia em Iena, o czar da Rússia compelido a uma aliança em Tilsit, a aristocracia veneziana afundida no Adriático, a basófia inglesa varejada, desnorteada, zombazombada nos mares, o imperante de Nápoles destronado, o Papa prisioneiro, o mapa-mundi convertido em tabuleiro de xadrez, sobre o qual os cetros e as coroas giravam como trebelhos jogados pelas mãos de Bonaparte; os sargentos elevados a reis e os reis tornados cortesãos — todos em volta do César plebeu, quase satélites ou planetas em torno do sol!

Quem contrastará tamanha potestade? Quem? Um povo. E como se chama este povo? Portugal. E quando, e onde fez isto? Quando? A 27 de Setembro de 1810. Onde? No Buçaco. No Buçaco, onde a briosa milícia portuguesa esperou a rosto aberto e a pé firme o bravo dos bravos, o filho querido da vitória *à frente do exército invasor. No Buçaco, onde a temerosa águia real recebeu as primeiras chumbadas certeiras, menos das marcenárias espingardas britânicas que das patrióticas escopetas lusas, para em seguida se arrastar atordoadamente, vergonhosamente, miseràvelmente, de cerro em cerro e de serra em serra, através da Espanha e através de França, até ir agonizar nos campos da Bélgica e morrer alfim no meio do mar: — no meio do mar, justos céus!, onde pretendia sepultar-nos a nós, quando, da sua garra sangrenta, deixou cair nas mãos de Massena esse cartel que dizia:* Vá, vá ao ocidente e arroje Wellington para o oceano.

Há providência!...».

Soldados do Regimento de Infantaria 10, de Aveiro, fardados com os uniformes de 1810, que participaram nas comemorações da Batalha do Buçaco, no ano de 1959

DESPORTOS

Secção dirigida por

António Leopoldo

A GRAÇA DA SEMANA

— Vês, Chico, aquele também copiou o prognóstico do LITORAL para o jogo Farense—Beira-Mar...

Desenho de MARQUES FERREIRA ★ Linóleo de A. FINO

Taça de Portugal

A primeira prova do calendário federativo da época em curso principiou no domingo, envolvendo os quarenta e dois clubes que se situam nos mais elevados escalões do futebol nacional.

Competição de características sui generis, *como bem se sabe nos meios afectos ao «desporto-rei», a TAÇA DE PORTUGAL rendeu 104 golos na ronda de abertura (primeira* mão *da primeira eliminatória).*

Registaram-se dois empates (Espinho e Viana do Castelo) e dezanove grupos saborearam êxitos; dos triunfadores, nove actuaram fora dos seus ambientes e dez jogaram ante o seu público...

Vejamos os desfechos apurados:

Vitória de Setúbal, 2 — Porto, 0; Espinho, 1 — C. U. F., 1; Oriental, 2 — Varzim, 4; Sporting, 4 — Oliveirense, 1; Salgueiros, 4 — Alhandra, 0; Atlético, 2 — Barreirense, 0; Académica, 10 — Académico de Viseu, 1; Vianense, 1 — Sacavenense, 1; Feirense, 0 — Boavista, 1; Olhanense, 3 — Peniche, 0; Portimonense, 7 — Leça, 0; Luso, 0 — Benfica, 7; Lusitano de Vila Real de Santo António, 2 — Seixal, 4; Farense, 2 — Beira-Mar, 4; Covilhã, 1 — Vitória de Guimarães, 3; Marinhense, 4 — Silves, 1; Sanjoanense, 1 — Castelo Branco, 2; Leixões, 5 Braga, 2; Montijo, 2 — Belenenses, 4; Torriense, 2 — Cova da Piedade, 3; e Lusitano de Évora, 10 — Portalegrense, 0.

Para que, em definitivo, se arrume a eliminatória, realizam-se, amanhã, os desafios da segunda mão, em que serão visitadas as equipas que se deslocaram na primeira ronda. Aliás, há reduzidas incógnitas a resolver...

No que directamente respeita à representação aveirense, as honras cabem quase por inteiro ao Beira-Mar — pelo claro e insofismável triunfo obtido na capital do Algarve. Os outros louros pertencem ao Espinho, que apenas *cedeu um empate ante o Desportivo da C. U. F. (quarto da I Divisão no ano findo — e orientado agora pelo argentino Pisa).*

A Oliveirense perdeu, em Alvalade, com naturalidade, frente ao Sporting (campeão nacional) — mas por score *que não envergonha. Mas o Feirense e a Sanjoanense, nos seus recintos, sofreram inesperados desaires — sobretudo os novos primodivisionários.*

Assim, e conquanto os homens da Vila da Feira possam ainda recuperar a sua desvantagem (hipótese em que não acreditamos), parece-nos que apenas o Beira-Mar deverá prosseguir na Taça. De facto, e normalmente, os espinhenses perderão no Barreiro; os oliveirenscs e sanjoanenses voltarão a ser derrotados; e, por fim, os feirenses (nesta altura e ainda por cima desfalcados) não triunfarão no Campo do Bessa.

Mas aguardemos... já que as surpresas surgem quando e onde menos se espera!... A Taça é assim...

Uma Vitória Natural e Indiscutível

FARENSE, 2 — BEIRA-MAR, 4

Na impossibilidade de nos deslocarmos ao Algarve, no passado domingo, oferecemos aos leitores a crónica, de autoria de Nobre da Costa, que «A BOLA» publicou no seu número de segunda-feira, transcrevendo-a — tal como o título — com a devida vénia.

FICHA DO JOGO

Estádio de S. Luís, em Faro.

A'rbitro — Marcos Lobato, de Setúbal.

FARENSE — Mário; Reina, Ventura e Bento; Vitor e Dias; Júlio, Vinagre, Djunga, Jaruga e Totoi.

BEIRA-MAR — Pais; Valente, Liberal e Moreira; Brandão e Jurado; Miguel, Laranjeira, Calisto, Chaves e Romeu.

Marcadores

Júlio, aos 60 m., e Djunga *(penalty)*, aos 89 m. — pelos algarvios; e Chaves, aos 53 m., Romeu, aos 68 m., e Miguel, aos 71 m. *(penalty)* e aos 84 m. — pelos beiramarenses.

●

Não tem qualquer espécie de anormalidade ou ilógica esta magnífica vitória dos pupilos de Óscar Tellechea sobre os de Artur Quaresma. E não tem porque a equipa de Faro, numa palavra, não soube encontrar nunca o respectivo antídoto para o aferrolhado jogo do adversário.

Na verdade, logo nos 45 minutos iniciais, mesmo enfrentando uma forte ventania, o Farense jogou, pràticamente, no meio-campo adversário, sem, no entanto, tirar qualquer partido do facto, pois os seus jogadores não conseguiram libertar-se da apertada vigilância adversária, quer para endossar o esférico de uns para os outros, quer para desferir os respectivos remates. E' certo que, com pouco mais da chamada sorte do jogo, podiam ter obtido dois golos no primeiro tempo, pois para isso não faltaram oportunidades a Vinagre. Na primeira, aos 10 minutos, o n.º 8 de Faro não acompanhou a velocidade do esférico; na segunda, a dois ou três metros da baliza da equipa de Aveiro, rematou à figura de Pais. Em contrapartida, os pupilos de Tellechea, baseando o seu futebol num sistema de «ferrolho», não só iam podendo conjurar todo o perigo para a sua baliza como logravam, constantemente, rapidíssimos contra-ataques, sempre muito perigosos, por intermédio dos quais, aos 15 e 29 minutos, Miguel e Calisto podiam ter feito funcionar o marcador.

No segundo tempo, embora contra vento forte, que antes lhe era favorável, veio ainda mais ao de cima a melhor estrutura da equipa aveirense. Com efeito, defendendo-se bem e contra-atacando admiràvelmente sempre que se lhe deparava qualquer pequena oportunidade, a turma de Aveiro pôde chegar, com a maior naturalidade e justiça, ao resultado de 4-1. E' certo que, para isso (devemos referi-lo não para tirar mérito a esse, repetimos, natural e justo resultado, mas para citar como os factos aconteceram) contribuiu muito a esforçada sim, mas também descolorida exibição da equipa local, nomeada e especialmente no que respeita às actuações dos seus elementos da extrema defesa e do ataque. Estes últimos, muito morosos e lentos, não foram capazes de travar o ímpeto dos unicos três opositores que tiveram — Calisto, Chaves e Romeu. Dos do sector avançado, para referir o seu deficiente labor, basta dizer que obtiveram um golo, mais consentido que obtido por seu próprio mérito, e outro de grande penalidade.

Em resumo: vitória natural e indiscutível da equipa visitante.

No «team» de Aveiro, que jogou como um autêntico bloco, Valente, Moreira, Liberal, Chaves e Romeu foram os seus melhores elementos, emquanto no Farense, que foi uma sombra de si próprio, só Reina e Dias merecem referência especial.

Totobolando

PROGNÓSTICO DO CONCURSO N.º 3 DO TOTOBOLA ★

7 de Outubro de 1962

N.º	EQUIPAS	1	X	2
1	Marítimo — União	1		
2	Sporting — Nacional	1		
3	Casa Pia — S. L. Olivais	1		
4	Vitória L. — Loures		x	
5	D. Olivais — Vilafranq.	1		
6	Oli. Douro - Freamunde	1		
7	Leverense — Tirsense			2
8	Málaga — Real Madrid		x	
9	Elche — Bétis	1		
10	Valhadolid — A. Bilbau	1		
11	Lens — Nice			2
12	Angers — Sedan		x	
13	Grenoble — Reims			2

ÊXITO ABSOLUTO NO

Concurso de Pesca ao Arrolado do Clube Naval de Aveiro

Entre S. Jacinto e a Pousada da Ria, realizou-se, no domingo, das 8.30 às 12 horas, o anunciado *Concurso de Pesca ao Arrolado* inter-frotas do Clube Naval de Aveiro.

Autêntica consagração, em prova desportiva, de um bem conhecido e usual sistema de pesca, o concurso despertou muito interesse e reuniu a presença de elevado número de concorrentes — o que tudo contribuiu para que a jornada de domingo obtivesse um êxito absoluto.

No final da prova, apuraram-se as seguintes classificações:

Por Frotas

1.º — «Z M» (José Maria Neves e João Biaia), 1 200 pontos; 2.º — «Bélita» (Henrique Martins e D. Rosa Tavares Martins), 1 075; 3.º — «Zé Tó» (Telmo Sobreiro e Agostinho Peão), 850; 4.º — «Baltasar» (Antero Simões Veiga, José da Naia Machado, Manuel da Graça Paula e Baltasar Vilarinho), 850; 5 — «Torpedo» (Eugénio Gonzalez Peña, Carlos Alberto Prazeres e Alfredo Melo), 833; 6.º — «Merilde» (Carlos Vicente Ferreira, Cravo Machado Calisto, Rui Vicente Fereira e Major Tavares), 727; 7.º — «João Belo» (João da Costa Belo e D. Maria Odete Ançã Belo), 675; 8.º — «Carlitos» (Dr. Ernesto Barros, José Manuel Barros e Cravinho Machado), 650; 9.º — «Marola» (José Teixeira Bicho e D. Maria Lisete Teixeira Bicho), 600; 10.º — «Pica-Pau 2.º» (Élio Quaresma Va-

continua na página 5

CAMPEONATO REGIONAL DA II DIVISÃO

1.º DIA

Cucujães - Illiabum
Sanjoanense - Recreio
Sangalhos - Galitos
Esgueira - Amoníaco

2.º DIA

Illiabum - Sanjoanense
Amoníaco - Cucujães
Recreio - Sangalhos
Galitos - Esgueira

3.º DIA

Sangalhos - Illiabum
Sanjoanense - Cucujães
Amoníaco - Galitos
Esgueira - Recreio

4.º DIA

Illiabum - Esgueira
Cucujães - Sangalhos
Sanjoanense - Amoníaco
Recreio - Galitos

5.º DIA

Galitos - Illiabum
Sangalhos - Sanjoanense
Amoníaco - Recreio
Esgueira - Cucujães

6.º DIA

Illiabum - Recreio
Cucujães - Galitos
Sanjoanense - Esgueira
Sangalhos - Amoníaco

7.º DIA

Amoníaco - Illiabum
Recreio - Cucujães
Galitos - Sanjoanense
Esgueira - Sangalhos

● *A prova principiará em 13 de Outubro*

● *Haverá duas jornadas por semana — às terças-feiras e sábados. Em Esgueira, porém, os desafios são sempre aos domingos de manhã.*

Calendário dos Jogos

XADREZ DE NOTÍCIAS

Convidado a participar no concurso especial do «Totobola», na modalidade reservada aos órgãos de informação, e dentro dos respectivos regulamentos, o LITORAL incluirá, a partir de hoje, nesta Secção, o boletim TOTOBOLANDO — em que daremos a conhecer os nossos prognósticos.

Na Pista da Bairrada, e como aqui noticiámos, principiaram no domingo os Campeonatos Regionais de Aveiro de Velocidade e Perseguição, cujos resultados não nos é possível indicar hoje.

Esperamos publicá-los na próxima semana.

Continua na página 6

A HOMENAGEM AO DR. MÁRIO DUARTE

★ Iniciaram-se, ontem, os vários números incluídos no programa da merecidíssima homenagem que Aveiro vai prestar ao nosso ilustre conterrâneo D. Mário Duarte, prestigioso diplomata que actualmente é Embaixador de Portugal no México.

No Museu Regional, pelas 18.30 horas, o magnífico Coral Aleluia *deu uma audição dedicada ao Dr. Mário Duarte; e, na sede do Clube dos Galitos, pelas 21.45 horas, teve lugar uma sessão de homenagem àquele distinto aveirense, a quem foi entregue o diploma de Sócio Honorário — para que fora eleito por aclamação em Assembleia Geral realizada em 20 de Janeiro de 1961.*

Durante a sessão, o apreciado jornalista João Sarabando profefiu uma palestra subordinada ao tema MÁRIO DUARTE — Uma Lição a Aprender Melhor.

★ Desejando associar-se às manifestações de apreço que vão ser tributadas ao Embaixador Dr. Mário Duarte, a Câmara Municipal, em reunião de 21 do corrente mês, resolveu promover hoje, pelas 12.30 horas, no Salão nobre dos Paços do Concelho, uma sessão solene para lhe entregar a Medalha de Prata da Cidade, *com que recentemente o distinguiu, em reco-*

nhecimento da sua acção em prol de Aveiro.

Usará da palavra o o Vereador sr. Eng.º Alberto Branco Lopes, Presidente da Comissão Municipal de Turismo e autor da proposta para a atribuição da Medalha.

★ Ainda hoje, após a sessão na Câmara, terá lugar, no Hotel Arcada, o anunciado almoço de homenagem ao Dr. Mário Duarte.

★ Na segunda-feira, a Comissão Municipal de Turismo oferecerá ao Dr. Mário Duarte um passeio de lancha, pela Ria.

Pela Capitania

Movimento Marítimo

★ Em 12, entrou o navio-tanque *Sacor*, com 1.601 toneladas de gasolina.

★ Em 13, saiu para Lisboa, em lastro, o navio-tanque *Sacor.*

★ Em 17, vindo da Gronelândia, entrou a barra o navio-motor *Avé Maria*, com 13.500 quintais de Bacalhau fresco.

★ Em 21, procedente de Setúbal, entrou o galeão-motor, *Praia da Saúde*, com um carregamento de cimento.

★ Em 22, saiu para o Porto, em lastro, o galeão-motor, *Praia da Saúde.*

★ Em 23, procedentes dos bancos da Terra Nova e Gronelândia, entraram os navios *Luisa Ribau*, com 12.500 quintais de bacalhau e o *Conceição Vilarinho*, com 15.000 quintais de bacalhau fresco.

★ Em 25, vindos dos bancos da Gronelândia e Lisboa, respectivamente, demandaram a barra os navios *Adélia Maria*, com 11.000 quintais de bacalhau, e o *Inácio Cunha*, com 11.500 quintais de bacalhau fresco; e o navio-tanque *Sacor*, com 1600 toneladas de gasolina.

Pelo Hospital

Urologia

Foram criados os Serviços de Urologia, com consultas aos sábados, que ficarão a cargo do clínico sr. Dr. Manuel Soares Pericão.

Irmãos-Associados

Foram admitidos como Irmãos-Associados da Santa Casa da Misericórdia: Flávio Ferreira Sardo, da Gafanha; José Nunes da Rocha, de Aradas; Jaime Judice Verde, de Aveiro; D. Maria Tavares, de Aveiro; Antero dos Santos, de Aveiro; Carlos Manuel Gamelas, de Aveiro; Carlos Fernandes Gamelas, de Oliveirinha; José Inácio, de Aveiro; Raul Moreira da Mota, de Aveiro; e José Inácio de Matos Júnior, de Aveiro.

Doentes

Foi o seguinte o movimento de doentes internados e saídos em convalescença nestes últimos dias:

Carlos Jorge Morgado Marques, de Aradas; D. Conceição Ferreira Vieira, de Oliveirinha; D. Maria Perpétua Casimiro Marques, de Penafiel; D. Maria Isabel Ferreira Monteiro Rebocho, de Aveiro; António Cláudio, de Aveiro; D. Maria Emília Leandro, de Aveiro; Abel Miranda da Costa Correia, de Oliveira de Azeméis; D. Laura de Jesus Ferreira, de Vagos; Aníbal Marques da Graça Pergueiro, de Ilhavo; António Rodrigues, da Mamarrosa; D. Rosa Simões Sameiro, da Póvoa do Valado; Manuel Abrantes, de A'gueda; D. Maria do Carmo Canha Santos, de Aveiro; D. Conceição Simões Neto Mendes, de Aveiro; D. Maria Alice Canha Santos, de Aveiro; Sílvio Simões de Oliveira, de Aveiro; D. Isabel Mourão, de Aveiro; José Santos Silva, de Aveiro; D. Carmelina Pinho Silva, da Murtosa; D. Rosa Maria Gonçalves Cerqueira, de Aveiro; D. Lúcia Maria de Jesus Martins, de Nariz; D. Maria de Lourdes Gonçalves Figueira, de Aveiro; D. Maria Claudina da Silva Lima, de Aveiro; e A'lvaro Bastos, de Arrancada do Vouga.

Pediatria

Regressados de Lisboa, onde assistiram ao Congresso sobre pediatria, já se encontram ao serviço da Santa Casa da Misericórdia, os srs. drs. Jorge Leite da Silva e Fernando Moreira Lopes.

Provedor

De regresso de uma viagem de estudo a diversos países da Europa, já retomou as suas funções o sr. Eng.º Manuel Simões Pontes, Provedor do Hospital da Santa Casa.

Visitou Aveiro o Comandante Cunha Aragão

Acompanhado do aveirense Manuel Lavrador, esteve nesta cidade o Comandante do «Afonso de Albuquerque» sr. Capitão-de-mar-e-guerra Cunha Aragão que, com aquele nosso prezado colaborador, visitou na noite de sábado último, a sede do Clube dos Galitos.

Recebido ali pela Direcção da prestigiosa colectividade, trocaram-se saudações entre o seu ilustre Presidente da Direcção, sr. Dr. Mário Gaioso, e o bravo marinheiro português.

O sr. Comandante Cunha Aragão visitou as instalações do Clube, tendo manifestado, de forma expressivamente desvanecedora, o agrado que a visita lhe proporcionou.

O glorioso Comandante do «Afonso de Albuquerque», no Clube dos Galitos, ladeado pela Direcção e alguns sócios.

Pelo Liceu

Abertura das Aulas

Foi marcada para as 15 horas da próxima segunda-feira, dia 1 de Outubro, a já tradicional sessão de abertura dos trabalhos escolares, que, como nos anteriores anos, se realizará no ginásio do Liceu.

Juramento de Bandeira na Base Aérea n.º 7

Hoje, pelas 11.30 horas, realiza-se na Base Aérea n.º 7, em S. Jacinto, a cerimónia do Juramento de Bandeira de 62 alunos-pilotos.

Homenagem ao Dr. Vale Guimarães

A freguesia de Frossos prestou no último domingo, significativa homenagem ao antigo Governador Civil de Aveiro Dr. Francisco do Vale Guimarães, para lhe manifestar o reconhecimento pelos altos serviços que o ilustre aveirense lhe dispensou durante o seu mandato.

No decurso duma sessão solene, realizada no salão nobre da Junta, foi descerrado um retrato do sr. Dr. Vale Guimarães, tendo usado da palavra, para enaltecer os seus méritos e a importância dos benefícios propiciados, o Presidente da Junta, sr. Arménio Soares de Pinho, o sr. Arménio Vieira Sequeira, em nome do

povo de Frossos e que entregou ao homenageado uma artística salva de prata, o Presidente do Município de Albergaria-a-Velha, sr. Coronel Gaspar Ferreira, e, por fim, o homenageado, que agradeceu o testemunho de apreço da gente de Frossos.

Seguiu-se um almoço, que reuniu grande número de convivas.

Foram promotores da homenagem os srs. Arménio Soares de Pinho, Manuel Fernandes de Pinho, Manuel Soares Laranjeira e Arménio Nunes Sequeira.

Festa na Costa Nova

Hoje, amanhã e segunda-feira, realizam-se os tradicionais festejos em honra de Nossa Senhora da Saúde, na Praia da Costa Nova do Prado.

Do programa fazem parte diversos números, com relevo para a procissão, que sairá amanhã pelas 16 horas, e para o arraial nocturno (com sessões de fogo aquático e fogo de artifício), que igualmente se realiza amanhã, domingo, com início às 22 horas.

I Festival-Concurso Folclórico do Distrito

Amanhã, 30, à noite, realiza-se o já anunciado I Festival-concurso Folclórico do Distrito, em que se apresentarão alguns dos mais conhecidos agrupamentos regionais.

Faleceram

D. Conceição da Silva Lopes

No passado dia 19, faleceu, na vizinha vila de Ílhavo, a sr.ª D. Conceição da Silva Lopes.

A saudosa extinta, que contava 61 anos de idade, era mãe do sr. Alvaro Lopes, ausente em Gloucester, Mass., nos Estados Unidos da América do Norte.

António Gonçalves Ventura

Em 22 de Setembro, faleceu, nesta cidade, o sr. António Gonçalves Ventura, que deixou viúva a sr.ª D. Maria Simões Bastos e era irmão das sr.as D. Isaura e D. Maria dos Prazeres Gonçalves Ventura e do sr. Raul Ventura, e cunhado dos srs. Manuel Ravara e Luís Bernardo Ferreira.

D. Ester de Freitas

No pretérito sábado, 23, faleceu, um tanto inesperadamente, embora de há muito enferma de grave doença, a sr.ª D. Ester de Freitas, mãe extremosa das sr.as D. Sofia de Freitas Modesto, ausente em Lourenço Marques, e D. Maria da Silva Modesto e dos srs. Carlos, David e Ernesto de Freitas Modesto.

A saudosa extinta, muito estimada, por suas virtudes e qualidades, de quantos com ela privavam, contava 60 anos de idade.

Foi a enterrar, no dia imediato, com grande acompanhamento, o que expressivamente confirmou a mágoa causada pelo seu falecimento.

PROBLEMAS DO SAL

Homenagem

Uma Comissão de proprietários e marnotos do Salgado de Aveiro enviou-nos, com a pedido de publicação, o ofício que abaixo transcrevemos.

Por compreensíveis motivos, tentámos escusar-nos a fazê-lo; mas foi-nos lembrado que a homenagem que se intenta promover congloba também personalidades de todo alheias a este jornal...

Depois de muitos anos de impaciente expectativa, em que horas de esperança se caldearam com outras tantas de desilusões amargas, foram agora finalmente ouvidos os justos e legítimos anseios de todos quantos vivem ligados à produção de sal.

Mas, para que tal acontecesse, quantas canseiras, quantas incompreensões, quantas situações graves e difíceis houve necessidade de enfrentar!...

Sem desdouro para ninguém, a justa posição agora alcançada foi devida essencialmente ao trabalho infatigável, inteligente e persistente do Sr. Dr. António Cristo; ao Grémio da Lavoura de Aveiro e Ílhavo, que pela mão do seu Presidente, Sr. Dr. Vítor Gomes, sempre soube manter atitudes firmes e positivas; ao Sr. Eng.º Carlos Maia que, mercê da sua competência profissional, tão útil se mostrou nos vivos debates em que interveio, permitindo, ao mesmo tempo, que as reinvindicações se apoiassem numa estruturação económica positiva e firme; e ainda ao «Litoral», que sempre prontamente colaborou nesta luta gingantesca em prol dos legítimos interesses da já tão sacrificada produção salineira e na defesa da justiça, que não era apenas económica, mas sim também de ordem social, humana e política.

Por isso, todo o Salgado, sem distinção de classes, lhes deve estar grato. E para que, de alguma forma, lhes possa perpetuar o seu reconhecimento, impõe-se que proprietários e marnotos, juntos e numa unidade perfeita, lhes prestem justa e devida homenagem.

Para este efeito, a comissão abaixo designada aguardou o fim da safra do corrente ano para lhe dar o justo relevo, resolvendo levar a cabo um jantar de confraternização entre todos os produtores, que terá lugar no próximo dia 20 de Outubro, em local oportunamente a indicar.

Para tal fim, vão ser distribuídas listas de inscrição pelas Casas que a seguir se indicam:

Café Avenida; Café Gato Preto; Café Arcada; Casa Joaquim da Apresentação Peixinho; e Casa Carlos Alvim

Serão prestados todos os esclarecimentos na Sede da Comissão Organizadora, à Avenida de Salazar, n.º 40-2.º Dt.º

A COMISSÃO:

Proprietários: Dr. José Couceiro, Elias Gamelas e Eng.º José Gamelas Júnior.

Marnotos: Domingos da Silva Cravo, Plácido Rito e Firmino da Naia.

Agradecimento

Do ilustre e dinâmico Presidente do Grémio da Lavoura de Aveiro e Ílhavo recebemos o seguinte penhorante ofício:

Ex.mo Senhor
DIRECTOR DO JORNAL «LITORAL»
AVEIRO

Em meu nome, e no dos restantes membros da Direcção deste Grémio, apresento a V. Ex.ª a expressão do nosso reconhecimento pelo amável e desenvolvido noticiário com que esse Jornal referiu a homenagem prestada pelos marnotos aveirenses a esta Direcção.

Aceite V. Ex.ª os respeitosos cumprimentos do grato e

A BEM DA NAÇÃO

Aveiro, 24 de Setembro de 1962

O Presidente da Direcção,

a) — *Victor Manuel Machado Gomes*

Concurso de Pesca

Continuação da 3.ª página

lente e D. Maria Augusta Matos Tavares), 600; 11.º — «Pica-Pau» (José Maria, José Finório, Pai, e José Finório, Filho), 516; 12.º — «Ondina» (Rui Sousa Torres Vilas e José Torres Vilas), 475; 13.º — «Espadarte» (Luís Filipe Mendes e Carlos Vicente Mendes), 450; 14.º — «Pinocchio» (Abel Santiago e D. Maria Margarida Pinheiro Santiago), 225.

Xadrez de Notícias

Chegaram, finalmente, a bom termo as negociações entre o Beira-Mar e o antigo futebolista internacional Teixeira, que alinhava no F. C. do Porto.

O conhecido jogador tem treinado em Aveiro e está já inscrito pelos beiramarenses.

Secretaria de Estado da Aeronáutica

BASE AÉREA N.º 7

Admissão de pessoal Civil

Faz-se público que se acha aberto o concurso pelo prazo de 10 dias a contar da data da publicação deste anúncio para provimento de uma vaga na Base Aérea n.º 7, de ajudante de cozinheiro de 1.ª classe e outra de ajudante de 2.ª classe do quadro de péssoal civil do Secretariado do Estado da Aeronáutica.

Os concorrentes deverão possuir como mínimo de habilitações o 2.º grau do ensino primário.

Ter mais de 18 anos e menos de 35 à data de admissão. As restantes condições encontram-se patentes na Secretaria do Comando desta Base Aérea n.º 7, em S. Jacinto.

S. Jacinto, 26 de Setembro de 1962

O Chefe da Secretaria,

Hermínio Dias Sábio
(Tenente)

Sociedade Aveirense de Higienização de Sal, Limitada

NOTARIADO PORTUGUÊS

Certifico, para efeitos das devidas publicações, que por escritura de 19 de Dezembro de 1958, lavrada a folhas 30 a 32 verso do livro respectivo número 366 do Cartório Notarial de Espinho, a cargo do notário Lic. José Ferreira Paixão, pelos srs. D. Rosa Augusta Pinheiro Torres, Álvaro da Graça Soares de Sousa e António dos Santos Cardoso, foi constituída uma sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada, regida pelas cláusulas constantes dos artigos seguintes:

1.º — A sociedade adopta a denominação de «*Sociedade Aveirense de Higienização de Sal, L.da*», tem a sua sede na cidade de Aveiro e domicílio no Cais de São Roque, o prazo por que se constitui é indeterminado e o objecto principal é a preparação industrial do expurgo e higienização do sal marinho comum.

§ 1.º — O início da sociedade contar-se-á da data da aprovação pela Direcção Geral das Indústrias, no plano de laboração das suas instalações fabris e respectivo licenciamento.

§ 2.º — Poderão constituir ainda objecto da sociedade todo e qualquer outro ramo de exploração industrial, ou de comércio permitidos por lei.

2.º — O capital social, integralmente realizado, em dinheiro, é de quinze mil escudos, dividido em três quotas iguais de cinco mil escudos e pertencentes respectivamente à constituinte do primeiro outorgante, e aos segundo e terceiro outorgantes.

3.º — Não são exigíveis prestações suplementares de capital, mas os sócios poderão fazer os suprimentos necessários, sem juros.

4.º — As quotas poderão ceder-se, no todo ou em parte, entre sócios; mas, para terceiros, terão opção a Sociedade primeiro, os sócios depois.

5.º — A gerência incumbe por igual a todos os sócios, será ou não retribuída por todos ou alguns dos sócios, e é dispensada de caução.

6.º — Para que a sociedade se obrigue, são necessárias as assinaturas de dois gerentes; qualquer deles, porém, assinará a correspondência de mero expediente e desempenhará as funções administrativas que não envolvam constituição de obrigações.

7.º — Anualmente, e até 30 de Março, haverá uma Assembleia Geral Ordinária para apreciação e votação das contas de gerência do ano anterior; e realizar-se-ão as extraordinárias necessárias.

8.º — As convocações, se necessárias, fá-las-á qualquer dos gerentes, por carta registada com aviso de recepção, com a antecedência mínima de oito dias e demais requisitos legais.

9.º — Aprovados o balanço e contas anuais, os lucros, se os houver, dividir-se-ão pelos sócios proporcionalmente ao valor das respectivas quotas, deduzidos 10 % para reserva e reintegração do capital social.

§ único — A Assembleia Geral poderá, se os negócios sociais o aconselharem, dar aos lucros qualquer aplicação de utilidade social.

10.º — A sociedade só se dissolverá nos termos e pelos fundamentos legais.

11.º — Falecido ou interdito um sócio, a quota ficará indivisa para com a sociedade, mas quem nela deva suceder nomeará, no decêndio posterior à morte ou interdição, quem representará os herdeiros na gerência, e no uso dos demais direitos e execução das obrigações sociais.

12.º — No omisso vigorará o direito supletivo.

Vai conforme ao original na parte certificada.

Do omisso da referida escritura nada consta que altere, prejudique, condicione ou modifique o que dela se transcreve.

Espinho e Cartório Notarial, 14 de Setembro de 1962.

O Ajudante da Secretaria Notarial,

Quintino Tomás Mendes Gomes

Caixa de Previdência do Distrito de Aveiro

Av. do Dr. Lourenço Peixinho, 110-3.º
AVEIRO
Telef. 23136-7-8

Abono de Família e Assistência Clínica

Previnem-se os beneficiários desta Caixa que se encontram a receber abono de família para apresentarem provas de que subsiste o direito ao abono e à assistência clínica, nos termos das instruções que lhes foram expedidas directamente, quais sejam:

Até 31 de Outubro de 1962

— Atestado passado pela Junta de Freguesia da residência, comprovando que os familiares por quem percebe abono de família continuam a seu exclusivo cargo e em regime de coabitação (o impresso de atestado foi expedido pela Caixa);

— Certificados de matrícula no ensino primário, de dispensa da mesma ou documento comprovativo do exame da 4.ª classe, quanto aos menores que em 31 de Dezembro próximo tenham mais de 7 e menos de 13 anos de idade;

— Certificado médico em relação aos descendentes inválidos de idade superior a 14 anos.

Até 31 de Dezembro de 1962

— Certificados passados pelo estabelecimento de ensino secundário, médio ou superior, relativamente aos descendentes com mais de 14 anos, comprovando a frequência até final do ano lectivo anterior e a matrícula no seguinte.

Aveiro, 25 de Setembro de 1962

A Comissão Organizadora

Terreno para construção

Vende-se — com cerca de 1 000 m2, em Vilar (Estrada de S. Bernardo) perto da variante. Tratar com Manuel Gamelas Matias, naquele lugar.

Serviços Médico-Sociais

Federação de Caixas de Previdência
Delegação da Zona Centro
COIMBRA

AVISO

Admissão de Auxiliar de Limpeza para o Posto Clínico n.º 50 (Aveiro)

Está aberto concurso de provimento, pelo prazo de 8 (oito) dias, a contar da data do presente aviso, para Auxiliar de Limpeza do Posto Clínico n.º 50 (Aveiro).

A idade para admissão é dos 21 aos 35 anos.

A minuta de requerimento encontra-se afixada na sede da Delegação — Rua de Antero de Quental, 51-53, em Coimbra e no Posto Clínico em referência.

O prazo para entrega dos requerimentos termina às 13 horas do dia 6 de Outubro de 1962.

Coimbra, 29 de Setembro de 1962

O Delegado,

José Feio

Espingarda

Calibre 16 de 2 canos usada, em bom estado.

Compra — Basar Valente — Aveiro.

Gente de Aveiro nos palcos de Lisboa

Continuação da primeira página

vulgar opinião pessoal, que se se limita a apontar como causas da referida crise apenas dois factos mais visíveis, sem entrar, por exemplo, no conflito (se é que ele existe...) entre Cinema e Teatro, duas expressões de Arte especificadas, no seu género, pelas suas respectivas **formas sensíveis**, o primeiro com um campo de possiblidades técnicas de mais largo alcance, o segundo com um valor de convergências estéticas de mais alto nível.

Mas deixemos este problema, aliás curioso (um «godot» nunca daria cinema, como um «Mon Oncle» nunca resultaria teatro...) e continuemos.

Em crise, primeiramente está o público que não o teatro.

E o facto tem, para nós, sobretudo, duas causas: a primeira, de ordem cultural estético-cultural; a segunda, de natureza económica social--financeira.

*

Nunca nos esqueceram alguns gestos significativos de inequívocas reacções de *certo* público.

No «Monumental», (para nós, por diversas razões, a *melhor* sala de teatro de Lisboa e até do País), assistíamos, há tempos, a uma peça, peça por deveras singular, original, artística! E público houve que vibrava com aquilo que **ouvia**, porque não alcançava o que **via**!...

E no «Trindade», onde o *nosso* CETA vai repor, amanhã, o Godot, houve, na primeira apresentação da peça em Portugal, quem, naquele turbilhão babélico de ambiente apocalíptico, de tudo *aquilo* apenas lhe interessava saber uma só coisa:

— «Olha lá, ó *querido*, dizia certa «madame» voltada para o seu lado esquerdo...—, *aquilo* que o Ribeirinho come serão mesmo cenouras, daquelas, das azedas, que a criada às vezes nos traz do mercado?».

*

Eminente factor de educação cultural, o teatro, até porque fomenta, supõe, exige, não dispensa cultura.

Por isso, tantas vezes os empresários teatrais se interessam mais pelo comércio do que pela arte!

Esta é que nunca falta, ao menos, como rótulo, o que só comprova que ela, apesar de todas as máscaras mistificadoras que a prevertem e ultrajam, ainda é um valor que se não pode desprezar sem correr o risco de vir a ser desprezado!

*

Para além da falta de cultura estético-literária fazendo com que um espectáculo teatral não seja **descoberto** senão «por raros apenas», há depois carência de possibilidades económico-financeiras a fazer do teatro um espectáculo, não apenas não descoberto, mas até não **visto**, a não ser por um público *snob!* Porque, até entre nós, socialmente, o teatro é um luxo que exige, chega a exigir, **fardamenta** própria!

*

Dois factos recentes, a que assistimos, confirmam esta nossa pessoal posição. Falta de teatro, de bom teatro?

Talvez! Falta de público, de público interessado...? Conforme!

*

Em toda a Lisboa, havia, até não há muitos dias, um único *teatro!...*

Agora a época teatral, ao abrir, surgiu com um cortejo de *revistas* onde a arte começa segundo escrevem os críticos, por faltar nos próprios cartazes garridos, gritantes... Mas como quem berra mais alto é quem mais longe chega; mas porque o grande espectáculo só começa onde a boa arte acaba, não será a *revista* a arte da Nação?!...

*

Pois esse único *teatro* vai para cinco (5!...) meses. E ele, para nós, só teve, só ficou com dois valores: um **texto,** mais que medíocre, onde se salva um final invulgar, verosímil, rico e até poético...

Quanto à **representação** da peça, salvo o devido respeito público a nomes que cartazes consagraram em parangonas, ela teve o mérito de, finalmente, nos convencer mostrando-nos o talento duma actriz...

Laura Alves, no terceiro acto, descobre-se-nos autêntica actriz pelo inegável poder plástico com que vigorosamente nos modela, recriando-a ao pô-la em cena, um aspecto duma personagem que não víamos, porque ela não era a Laura Alves *ao seu* natural, mas que sentíamos porque a Laura Alves era ela *no seu* natural.

*

Fomentando a expansão do teatro e facilitando o acesso aos espectáculos, por iniciativa e organização do SNI, está a realizar-se em Lisboa, no Teatro da Trindade, a fase final do Concurso de Arte Dramática de Grupos Teatrais, apurados em todo o país.

Aveiro estará presente. E' uma honra que distingue o grupo e consagra o seu trabalho. Mas pela iniciativa trabalhosa dos jovens do CETA é toda a cidade de Aveiro que é distinguida no seu nome e consagrada na sua gente.

E oxalá, amanhã no Trindade, a *sorte não desampare os audases...* E' que, como já nos foi dado ouvir a um abalizado crítico de teatro, «Godot» é uma peça difícil mesmo para profissionais!... Ao CETA, não interessa o cartaz, mas Teatro, Teatro, só Teatro!

Amanhã, Aveiro «*joga*» em Lisboa.

O CETA, como qualquer outro agrupamento representativo, é agora a própria cidade toda. Que os aveirenses o saibam e o sintam!...

Lisboa, 24 de Setembro de 1962

Mário da Rocha

DESPLANTE

Continuação da primeira página

reles, cinco garrafões, um motorista de praça, três polícias, dois barbeiros, vinte balõezinhos de S. João, um par de amores imbecis. Mexer com força. Levar a lume brando. Enfeitar com um casamento. Servir. E este malaventurado povo que coma, porque não tem dentes dignos de melhor pitéu e o Fraga se está nas tintas para a desejada reeducação do pátrio paladar!

Resta perguntarmos, com a possível ingenuidade e sem qualquer intenção menos pura, a que título recebeu o dito Fraga um subsídio do Fundo Nacional de Cinema...

Jorge Mendes Leal

Pingos da Ria nas margens do Tejo

Continuação da última página

tarde, por sinal, um deles portentoso...) Mascarenhas (que sombra negra...) e Géos!»

Até que, do alto da bancada, alguém arrogando-se «mister» do «team», gritou:

— «Olhem o Raimundo! Dêem jogo a esse Raimundo!».

Raimundo foi, com efeito, naquela tarde em Alvalade, um «herói»: num ataque pouco aberto frente a uma defesa muito fechada, ele «colou-se» inteligentemente à linha lateral e centrou, fartou-se de centrar bem, marcou «corners» sem conta impecàvelmente, só falhando um, e levantou no Estádio a maior ovação do dia, quando aos 53m., se desenvencilhou incrìvelmente, milagrosamente de três ou quatro adversários e faz um golo que Morais se deu ao luxo de desperdiçar...

Fomos a Alvalade para ver o Sporting mas sobretudo para ver Raimundo.

Eram saudades do Beira--Mar! E no regresso, não tivemos pena de não ter ido a Faro ver o 4-2!...

*

Entrávamos casualmente. Havia calor nas palavras. Ficámos moídos da curiosidade: todo aquele entusiasmo seria por causa do Garcia?

— «Pois é: foi ele que derrotou o Olhanense, neste campo, há um ano, na final da II Divisão! Que golo aquele!»

Era mesmo. Tudo aquilo era por causa do Garcia.

Analisámos, uma vez no «Beira-Mar», de saudosa memória, que Garcia, mais **atleta** do que **jogador** sofrera as consequências da quebra do ritmo. Não atingiu forma. Depois, ao presenciar outras actuações suas, sempre nos convencemos e afirmámos, perante muitos e muito boa gente, que Garcia o que *tinha* era estar doente por falta de confiança!...

O diagnóstico, agora mais que nunca, parece-nos, pelo menos, algo verdadeiro: chamado a um clube dos grandes, posto ao lado de Iaúca, Garcia «ressuscitou». E' «outro»: é aquele Garcia que foi grande até vir de Palermo...

Só temos pena de amanhã a oito dias, frente ao Barcelona, o menisco não no-lo deixar ver. E' que ele mudou de ares e curou-se a doença!...

Sempre gostamos de ver bons frutos... E aqui mais que nunca: é que aqui é sinal, pelo menos, de que não é má a árvore que os deu!...

Lisboa, 25 de Setembro de 1962

Mário da Rocha

A propósito da Festa da Barra

Continuação da última página

pés as pranchas carcomidas do seu taboleiro!

Agora começam casinhas baixas à beira da rua, e na areia amoliçada, semeadura às mãos cheias: milho, feijão, batata, abóboras, pinheiros!

Eram dez horas da manhã de 20 de Julho de 1909. Que estava eu a fazer em casa, taciturno, pasmado?! Fugi para aqui, vim passar a minha agonia para estas areias onde a Providência não me negaria com certeza o seu anjo de consolação! A Barra! o Forte! o Farol! a Ronca! a Capela!

Eu já disse missa naquela ermida. A meio da missa ateou-se um ramo seco que deitou uma chama enorme; e um doido manso que estava presente, o Julinho de Esgueira, exclamou aterrado no meio da Assembleia:

— Ai, Portugal, que te vais à vela!».

Estamos seguros de que a leitura desta página encantadora constituiu para todos um enorme prazer.

A propósito da FESTA DA BARRA

CELEBROU-SE na segunda-feira passada a tradicional festa da Barra. Não vamos descrevê-la. Todos em Aveiro sabem o que ela é, tanto pelo que respeita às celebrações religiosas como pelo que respeita às folganças populares.

Simplesmente, a propósito dela, ocorreu-nos lembrar uma página do saudoso Arcebispo-Bispo de Aveiro, D. João Evangelista de Lima Vidal, escrita quando pastoreava a vastíssima Diocese de Angola e Congo e recolhida no volume a que deu o título de *Lições da Natureza e dos Homens*, publicado em 1914.

Não porque ali se fale de festa, mas simplesmente porque ali se fala da Barra.

No prefácio da obra, o Dr. Jaime de Magalhães Lima escreveu: «*/.../ este livro, por uma alta intuição do seu autor, é pela sinceridade contra a impostura, pela liberalidade contra a avareza, pela modéstia contra a vaidade, pela candura contra a impureza, pela verdade contra a mentira, pela singeleza contra o artifício, pela ingenuidade contra a habilidade, por Deus contra o mundo. Nisto se criou, nisto cresceu, nisto se robusteceu; e nisto nos traz um abençoado alimento para o espírito e uma preciosa e justa correcção de demências do nosso tempo*».

Segue a interessante página, que no volume saíu com o título latino *Ex ore infantium*, já se verá porquê...

«Deixem-me ir hoje, do meu rico vagar, pela estrada que de Aveiro vai ter à Barra.

A começar nas Pirâmides.

Mas antes de lançar pés à suavíssima marcha, esperemos que avance e que passe uma vela que se mostrou ao longe, vinda certamente com pescaria miúda das costas de S. Jacinto em demanda do nosso canal.

Já se distinguem perfeitamente os clássicos e variados remendos do pano: um xadrez, meus amigos, um verdadeiro xadrez!

À escota vem um marnoto de idade, de ceroilas curtas, nem chegam aos joelhos; de camisola azue-ferrete, grossa como uma tábua, grossa como um cortiço, aberta à boca do peito; de carapuço de lã na cabeça, com a ponta derrubada para a nuca e terminada por uma bolinha.

— Linda manobra; sim senhor, linda manobra!

— Pois c'anté! responde o velho, descobrindo a venerável cabeça.

A estrada não é muito larga nem dá muitas voltas para chegar ao seu aprazível e benfazejo destino: mas de ambos os lados tem uma renda finíssima de tarmagueiras que mergulham os troncos na àgua, e que se vêem surgir, na maré baixa, de entre os calhaus arroxados e humedecidos da margem.

Nestas alturas não há remédio senão poisar a pena durante um momento e coçar na cabeça!

Olha-se para um lado: água, muita água, ondinhas, brisas, espumas, velas, barcos, areia e sol!

Olha-se para o outro lado: tabuleiros de cristal, montinhos brancos expostos ao tempo, marinhas, marnotos e salineiras, a planície, a imensidade, e no fundo, no extremo horisonte, a sombra quase imperceptível, a divina moldura dos pinheirais!

Olha-se para traz: a cidade! Alto! ali não se distingue, ali não se aponta para nada; é a cidade, é Aveiro!

Nestas doces ocupações do espírito vai-se chegando, sem dar por ela, à ponte da Gafanha. Dizem que é uma ponte velha, feia, indigna dos nossos tempos; mas eu, se fosse milionário, comprava a peso de oiro a consolação de sentir neste momento debaixo dos

Continua na página 7

NA SEGUNDA-FEIRA DA BARRA . . .

vistos por GUERRA DE ABREU

PINGOS DA RIA NAS MARGENS DO TEJO

DUAS NOTAS POR MÁRIO DA ROCHA

NAS suas andanças de diplomata ilustre e humanitário, Eça encontrou um dia, Europa além, um colega de viagem. E, ao sabê-lo compatriota seu, logo fez dele um amigo, como se ele fosse, ali, um velho vizinho, por exemplo, da casa solarenga de Verdemilho da sua meninice algo atribulada e traumatizante.

E Loti, também ele andarilho do Mundo pela sua carreira profissional e escritor de aguda observação e refinada sensibilidade, conta que, nas suas «Viagens pelo Oriente», quando lhe disseram que, um pouco atrás, havia calcorreado o local onde Alexandre vencera Dario, ele retrocedeu para contemplar, nas minas de Issus, o marco miliário que, na velha Ásia Menor, assinala uma curva decisiva na História da Antiguidade.

É sempre assim! Quando longe, muito ou pouco pouco importa, pois é sempre infinito a distância que nos separa do torrão onde nos cresceram raizes, uma telha nos lembra o lar da nossa casa e uma nuvem nos recorda o sol da nossa terra.

Não cantou João de Lemos na lua de Londres o céu de Portugal?

1

Logo nos primeiros dias de Setembro, em pleno meio dia, no borborinho do Rossio, encontrámos um... Soubemos a novidade pela primeira vez e logo a divulgámos em Aveiro, quando lá saltámos uns dias. E ela até logo chegou a aparecer em letra de forma... Depois encontrámos mais um... E mais outro! Eram três ao todo. Todos de Aveiro, aqui, em Lisboa!

Sim, eram os três melhores alunos do Conservatório de Aveiro, que foram chamados a participar nos Cursos Musicais Internacionais da Costa do Sol, iniciativa e organização da Junta de Turismo com o patrocínio do SNI.

Mestres estrangeiros e alunos deram tal relevo ao acontecimento, que o próprio Chefe do Estado não faltou e lá esteve em Cascais, no Teatro Gil Vicente, a assistir a um dos vários concertos finais do curso.

Na terceira manifestação musical, no passado dia 20, após solistas alemães e brasileiros, Mário Mateus, o barítono aveirense que se tem vindo a impor a gregos e troianos, executou uma ária da «Bodas de Fígaro», de Mozart, com o acompanhamento orquestral conduzido pelo Prof. Von Pitamic.

Em 19 e 20, actuou o violinista Manuel Teixeira e António Vidal ao piano, integrados no conjunto orquestral. Três jovens de Aveiro a representar em Lisboa o jovem, mas já frutuoso, Conservatório, que em boa hora nasceu entre nós!

— «Mas quem é aquele «sete»?» Poucos, na bancada ao meu lado, conheciam o herói daquela tarde, o qual, naquele dia, entrara em campo ainda como um desconhecido para muitos.

Mas o «sete» continuou a jogar e a dar jogo, pois até aos 70 m. a sua figura dominou tudo e todos:

— «E' a melhor «coisa» que está em campo... Mas donde veio aquele «sete», melhor que os Osvaldos (até então mais «agarrado» à bola, só marcando dois golos mais

Continua na página 7

FEIRA DAS CEBOLAS

UM TÍPICO MERCADO AVEIRENSE NESTA ÉPOCA DO ANO